



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7339 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

**EDUCAÇÃO ESPECIAL E INFÂNCIA NO CONTEXTO DA COVID-19**

Jessica Villiana da Silva - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

## **EDUCAÇÃO ESPECIAL E INFÂNCIA NO CONTEXTO DA COVID-19**

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade tem vivenciado grandes mudanças em nosso meio social, causadas pelo distanciamento físico imposto pela COVID-19. Na educação, novas formas de ensinar por meio da tecnologia tem levado professores, alunos e famílias a se reinventarem e questionarem a possibilidade de uma nova vivência sob um discurso nomeado de “novo normal”.

O presente discurso pode ser encontrado tanto na mídia quanto nas lives sobre educação. Ele surge por meio de falas remetendo-se a realidade vivida nos últimos meses pela população mundial, que tem evidenciando a necessidade de construir alternativas para que aos poucos consigamos voltar as nossas antigas atividades. Embora esta seja uma discussão um tanto complexa, por tratar de um tema relativamente novo, acreditamos ser importante pensar um “novo normal”, sem perder de vista a alteridade desse outro (Skliar,1999), e assim, refletir caminhos que nos permitam perceber qual a melhor forma de agir.

Ao remetermos a importância da alteridade de um outro, percebemos habitantes de uma sociedade de normalidades, onde tudo que foge dos padrões atuais tende a ser excluído. A reflexão em torno da inclusão muitas vezes tem pensado o outro mais localizado como deficiente, o que indica ser ainda um desafio que se coloca pensar o outro como diferença.

Nosso texto se inscreve no campo da Educação Especial e está dividido em três momentos. No primeiro “Educação Especial e alteridade” apresentamos a partir de alguns autores como: Larrosa (1998) e Skliar (2013) nossa compreensão acerca da Educação Especial dentro da perspectiva da alteridade e seus desafios frente ao distanciamento físico. Na segunda, “Infância, alteridade e deficiência” anunciamos os sentidos atribuídos à infância e relacionando com a alteridade e a deficiência. Por fim, em “Concluindo...”, iniciamos nossas primeiras conclusões sobre nossas discussões e destacamos alguns questionamentos que surgem durante nosso debate.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL E ALTERIDADE

Vivemos em um árduo momento em nosso país, se não em todo o mundo. A quantidade de mortes diariamente noticiadas nos telejornais, o distanciamento físico que separa grande parte da sociedade e o fechamento das escolas, são alguns dos exemplos dessa triste realidade. Entretanto, a pandemia provocada pela COVID-19, por mais dura que seja, permitiu evidenciar alguns problemas já existentes, inclusive em nossa educação escolar e a possibilidade de um “novo normal” passa a ser ponto de debate não só nas escolas, todavia, na sociedade em geral.

Exaustiva seria a lista ao falar das adversidades vividas pela escola, principalmente no atual momento. Aspiramos refletir sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças com deficiência que por vezes já possuíam limites (impostos pela sociedade) em sua forma de vivenciar o ser criança, e seu direito de permanência na escola. Em outras palavras, desejamos problematizar, em que medida o fechamento das escolas, configuram uma perda para as crianças com deficiência.

Partimos de algumas inquietações, pois, se a educação é um direito de todos e está na Constituição, têm as crianças com deficiência tido tal direito respeitado? Tem a educação especial conseguido proporcionar esse direito? Entendemos por educação especial, uma educação que percebe esse outro como possuidor de uma condição que é só sua. Entretanto, na maioria das pesquisas realizadas sobre essa temática, a “educação especial continua sendo uma sub-área da educação”, voltada para pessoas que tiveram o infortúnio de nascer com alguma deficiência, voltada para as suas famílias e como lidam com isso ou ainda sobre a dificuldade dos educadores em trabalhar com esse público (Skliar, 2013, p. 17). Desse modo, a educação especial é entendida a partir da caridade para a pessoa com deficiência, gerando por vezes exclusão.

Esse mesmo autor, nos sugere atentar no sentido de que existe uma alteridade, independente e autônoma do reconhecimento dos ditos normais, desta forma, por vezes se insiste em perceber esse outro com base no discurso da falta. Todavia, somos convidados a refletir que os padrões normais de hoje são frutos de processos sociais, históricos, econômicos e culturais que controlam a forma como são pensados e inventados os corpos e as mentes dos outros. Mas, o que significa “alteridade”? Podemos dizer que a alteridade “é resultado de uma produção histórica e linguística, da invenção desses Outros que não somos, em aparência, nós mesmos. Porém, que utilizamos para poder ser nós mesmos.”(Skliar, 1999, p.18)

Somando a isto nos remetemos as discussões de Larrosa e Pérez de Lara (1998), que ao argumentar sobre as “imagens do outro” afirmam que somos nós quem definimos o outro, para ambos autores:

A alteridade do outro permanece como reabsorvida em nossa identidade e a reforça ainda mais; torna-a, se possível, mais arrogante, mais segura e mais satisfeita de si mesma. A partir deste ponto de vista, o louco confirma e reforça nossa razão; a criança nossa maturidade; o selvagem, nossa civilização, o marginal, nossa integração; o estrangeiro, nosso país; e o deficiente, a nossa normalidade. (LARROSA E PERÉZ DE LARA, 1998, p. 08)

Somos convidados a parar de procurar o que falta no outro para que ele seja completo e perceber esse outro como totalidade, como sujeitos autônomos. Perceber esse outro e sua alteridade é essencial para que a escola cumpra seu papel e receba a todos. Por vezes nós não sabemos lidar com a alteridade desse outro que recebemos na escola e acabamos reproduzindo mesmo que sem intenção algum tipo de exclusão.

Ao analisar o campo educativo chamado de especial, percebemos indícios de uma crise existente na educação especial, crise essa que é discutida por alguns autores entre eles o Skliar (2013), que nos provoca a refletir sobre nosso olhar para educação especial. Esse autor identifica uma dificuldade por parte desse campo de delimitar o que é e o que não é educação especial, pois, para ele, quando partimos de características excludentes para classificar deixamos de ter educação e passamos a ter uma intervenção terapêutica.

O atual cenário experienciado pelas escolas, frente a realidade da COVID-19 nos convida a compreender a educação especial com outro olhar, que vai além de tentar adequar as crianças dentro de uma realidade de normalidade. É o pensar o outro enquanto possuidor de uma condição que é só sua, ou seja, não é aprender a superar a deficiência, mas, entender como trabalhar tais singularidades como potencialidades. Mas, temos profissionais habilitados para esse trabalho? Estão as escolas preparadas para construir um “novo normal?”.

Kohan (2020), ao atentar para essa realidade de pandemia nos apresenta detalhes pertinentes para nossa discussão, para ele com o fechamento das escolas “ficamos todos subitamente sem escolas, no Brasil e no mundo (...) o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar” (p. 5). Mesmo com a tentativa das escolas de levar para as crianças que estão em casa, algum tipo de conteúdo, ainda estamos distantes do que seria pelo menos essencial.

E assim, o vírus segue enaltecendo fronteiras já existentes principalmente para as crianças com deficiência. A falta de interação com essas aulas remotas, a responsabilização quase que total das famílias no processo pedagógico nos faz pensar se de fato conseguiremos dar conta de um “novo normal”. Assim, a seguir nos propomos a abordar o conceito infância, e sua importância para que a escola possa refletir como pensar essas crianças e suas alteridades.

## **2.2 INFÂNCIA, ALTERIDADE E DEFICIÊNCIA**

Habitualmente a infância é entendida como uma passagem cronológica, algo que precisamos superar, por vezes, nos remetemos aos termos infantil e infantilidade para criticar alguém que teve uma reação não esperada para uma pessoa adulta. Conteúdos ligados ao desenvolvimento da criança colocam a infância como de fato uma etapa, e manuais são construídos para que pais e educadores sejam auxiliados a preparar as crianças para passagem da infância para a vida adulta. Esses manuais também podem ser vistos quando essas crianças são portadoras de uma deficiência e se apresentam como um passo a passo na tentativa de uma cura da deficiência.

Partindo de uma compreensão mais específica, os conteúdos aqui tratados como manuais, deixam escapar a sensação que não há mais nada a falar sobre a infância e que muito do que já foi produzido está disponibilizado nas estantes das livrarias. Contudo, a infância vai além, do que podemos capturar ela é “entendida como algo outro, não é o que já sabemos, mas também não é o que ainda não sabemos”, escreve Larrosa (1998, p. 69). Aqui percebemos a dimensão da infância que não pode ser medida por meio de nossa arrogância do querer saber.

No âmbito do acolhimento das crianças com deficiência e sua infância, é perceptível que as práticas caminham mais na perspectiva de favorecer a aprendizagem tentando adequá-las a uma estrutura normalizada da escola e pouco voltadas para o acolhimento de um outro para além das deficiências, silenciando muitas vezes a diferença.

Essa infância, se apresenta como possuidora de uma alteridade. Essa alteridade da

infância não significa que as crianças ainda resistam de serem apropriadas por nossos saberes, nem sequer significa que esta apropriação eventualmente nunca poderá realizar-se completamente. Mas, significa dizer na visão do Larrosa (1998) que:

A alteridade da infância é algo mais radical: nada mais nada menos do que absoluta heterogeneidade no que diz respeito a nós e a nosso mundo, sua absoluta diferença. E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, dever-se-á pensa-a à medida que sempre nos escapa: à medida que inquieta o que sabemos ( e a soberba de nossa vontade de saber), à medida que suspende o que podemos ( e a arrogância de nossa vontade de poder) e à medida que coloca em questionamento os lugares que construímos para ela ( e a presunção de nossa vontade de abarcá-la) (LARROSA, 1998, p. 70).

Esta compreensão do autor nos permite perceber a dimensão da infância e nos faz entender o quanto estamos longe de conhecer, a totalidade dela e que mesmo em nossas tentativas de conhecimento ela nos escapa. Pode parecer inquietante compreender que não sabemos nada sobre a infância e ao mesmo tempo, falar dela como algo que vai além de uma etapa da vida, significa analisá-la como uma condição que não nos abandona, mesmo que fique um pouco esquecida ou silenciada (Kohan 2015). Então seria possível pensar a infância da criança com deficiência partindo da possibilidade de um “novo normal”?

As crianças com deficiência, são por vezes “convidadas” a se adequar a escola e a forma como a mesma está organizada para que tenham acesso à educação. Com o fechamento das escolas essas crianças tendem a experienciar uma infância diferente, então, nos questionamos: como a escola tem conseguido oferecer um ensino remoto que por si só já é complexo e novo, junto a essas outras crianças, esses outros corpos, esse estrangeiro? Será que tem as escolas buscado na infância novas formas para se reconstruir?

Tais crianças que possuem como principal potência a própria infância, podem nos ensinar, elas são construtoras, e a escola deve ser lugar de produção coletiva com pedagogias focadas na criança entendendo que os processos de aprendizagens são diversos. Pois, a infância se reverbera no tempo *aión* que é: “o tempo intensivo, da experiência, do acontecimento” (KOHAN, 2020,p. 7), e ao pensar a possibilidade de um “novo normal”, somos convidados pela infância a refletir sobre a intensidade desse tempo *aión* que nos provoca experiências significativas.

### 3 CONCLUINDO...

O presente texto que teve como objetivo inicial problematizar em que medida o fechamento das escolas configuram uma perda para as crianças com deficiência. Nos permitiu compreender que as crianças com deficiência mesmo antes da pandemia já sentiam ainda que simbolicamente uma forma de fechamento das escolas. O fato de muitas escolas não possuírem profissionais com formação para trabalhar com essas crianças, bem como, muitas vezes a instituição não perceber aquela criança como possuidora de uma alteridade, mostram que de alguma forma tais crianças já experienciavam a ausência da escola. O vírus apenas evidenciou dificuldades já vividas por esses sujeitos.

Além disso, ao pensar a possibilidade de um “novo normal” é interessante repensar como esse processo vai reverberar nas crianças com deficiência. Entender que na escola há uma multiplicidade de sujeitos, com diferentes características, com diferentes corpos pode contribuir nessa construção. Sabemos que não tem sido fácil para as escolas, alunos e famílias vivenciarem todas essas dificuldades e o não saber como sanar tantas questões tem deixado todos muito apreensivos.

Estudar remotamente tem sido um desafio enfrentado por toda a sociedade e talvez seja o momento de voltar para a infância, não de forma cronológica, mas, a infância que nos faz ter esperança e alegria, nos permitindo enxergar novas formas de ver e vivenciar o mundo ao nosso

redor. Uma infância que permite novas experiências e que nos remete ao tempo da intensidade, possivelmente assim, conseguimos descobrir uma possível solução para o discurso do “novo normal”.

Temos plena consciência de que não é tarefa fácil entender essa infância que se apresenta como potência, mas somos chamados a caminhar COM, em conhecer e experimentar. Temos muito a aprender com essas crianças que se abrem e se entregam nesse movimento da infância. Talvez seja o momento de deixar nossos saberes prontos e acabados de lado e se deixar ouvir a voz da infância dessas crianças, planejar com elas novas possibilidades de vivências.

**PALAVRAS CHAVES:** Educação Especial. Infância. Alteridade. Contexto da Covid-19.

#### **REFERÊNCIAS:**

**ABRAMOWICZ, Anete; Gabriela Tebet (Org). Infância e pós-estruturalismo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. 250p.**

**BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira. Brasília: Centro Gráfico, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Visões de Filosofia: Infância.** ALEA\ Rio de Janeiro \ vol.17\2 p. 216-226. Jul-dez 2015.

\_\_\_\_\_ Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067>

LARROSA, Jorge; Pérez de Lara, Nuria. **Imagens do outro.** Petrópoles: Editora Vozes1998.

SKLIAR, Carlos. **A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade.** *Educação e Realidade*.24(1): 15-32 jul.\dez. 1999.

\_\_\_\_\_ **Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial –** 7. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2013. 144 p.